

# Gênero e religião: mulheres nos movimentos metafísicos e questões teóricas sobre lideranças femininas

*Eliane Moura\**

## RESUMO

O tema da presença e participação das mulheres como fundadoras e líderes de grupos religiosos é um dos pontos chave na discussão sobre gênero e religião. Estudos recentes mostram que nas grandes religiões a liderança feminina foi marginalizada. No século XIX a participação das mulheres em grupos metafísicos de ocultismo, teosofia e espiritualismo apresentou novas possibilidades de liderança e novidades teológicas. Neste artigo, alguns desses pontos são desenvolvidos a partir da análise da biografia de Anna Bonus Kingsford (1846-1888) e Florence Farr (1860-1917).

*Palavras-chave:* gênero, religião, espiritualismo, teosofia, século XIX.

## ABSTRACT

The issue of the presence and participation of women as founders and leaders of religious groups is one of the key points in the discussion about Gender and Religion. Recent studies show that in the mainstream religions, the female leadership becomes marginalized. In the XIX century, the participation of women in metaphysics groups, of occultism, theosophy and spiritualism, presented new possibilities of leadership and theological novelties. In

this paper some of these points are developed from the biography analysis of *Anna Bonus Kingsford* (1846-1888) and *Florence Farr* (1860-1917).

*Keywords:* gender, religion, spiritualism, occultism, theosophy, XIXth century.

## 1. Introdução

Estudos recentes sobre a relação entre Gênero e Religião consideram que houve uma relação entre novas perspectivas místicas e espirituais e as mudanças do papel da mulher na sociedade, a partir da segunda metade do século XIX. Alguns historiadores falam em “feminilização do Cristianismo”, não só por conta de uma nova sensibilidade religiosa com a valorização da santidade infantil e da religião do coração, mas porque a figura de Cristo teria se tornado um símbolo feminino, um mediador entre Deus e os homens, como Maria na tradição católica. A figura da mãe como amor, apoio, calor, nutriz, perdão, gentileza, podia ser encontrada na figura de Cristo. Isto correspondia à idealização da mãe como a cabeça da casa, a rainha do “culto da domesticidade”: as mulheres como as vice-regentes do lar em nome de Deus. O amor das mães substituiu a disciplina paterna como a característica central da família nuclear.

Evidentemente, nestes novos padrões de papéis sexuais, os direitos das mulheres não tinham lugar. Somente a concepção de um Deus Pai-Mãe, uma Deusa-Mãe Poderosa ou encarnações femininas de Jesus, permitiriam às mulheres uma participação mais significativa nas lideranças religiosas. Isto de fato aconteceu em alguns movimentos religiosos cristãos como o Shakerismo, a Ciência Cristã, Quakerismo e, especialmente, nos movimentos espiritualistas e ocultistas do período.

## 2. Mulheres e liderança religiosa

Mulheres carismáticas desempenharam importantes papéis como líderes, autoras e teóricas em vários movimentos religiosos, sobretudo, a partir

\* É doutora, professora da Pós-Graduação em História na Unicamp.

da segunda metade do século XIX. Algumas destas mulheres se destacaram como médiuns ou profetisas, principalmente, após a consolidação do Espiritualismo e do Espiritismo. Dentro deste grupo, podemos destacar a americana *Mary Baker Eddy* (1821-1902), fundadora da *Church of Christ, Scientist*, baseada na sua experiência pessoal de cura após a percepção da verdade contida nos Evangelhos; a russa *Madame Helena Petrovna Blavatsky* (1831-1891) que, alegando receber ensinamentos diretos dos Mestres Ocultos da Sabedoria, criou a Sociedade Teosófica<sup>1</sup>.

A questão da presença e participação de mulheres como criadoras e líderes de movimentos religiosos é um dos pontos de discussão sobre a relação Gênero e Religião. Pesquisas recentes demonstram que nas grandes religiões institucionalizadas, as lideranças femininas acabam sempre marginalizadas. Esta marginalização determina as opções das lideranças das mulheres, o acesso educacional e as relações com as estruturas institucionais. Em religiões e cultura altamente masculinizadas e patriarcais, as mulheres podem ser vistas como incapazes de atingir os objetivos religiosos máximos, sendo negado a elas o exercício das lideranças nas formas rotineiras e institucionalizadas das religiões.

Ocasionalmente, uma mulher carismática rompe estas estruturas masculinizadas e estabelece uma certa esfera de liberdade de participação e, eventualmente, de liderança, baseada num "dom" de comunicação direta com o sagrado. Estas experiências carismáticas das mulheres tanto podem ser cooptadas e contidas pelas estruturas religiosas, como podem suscitar a origem de uma nova religião que será, necessariamente, marginal à estrutura da cultura e religião dominante e mas-

culina. Acontece, com muita frequência, que novos movimentos religiosos fundados e liderados por uma mulher venha a ter, posteriormente, lideranças masculinas.

Estudar as formas alternativas e marginais das religiões que contam com a efetiva participação das mulheres pode ajudar a esclarecer alguns fatores teológicos e institucionais que favorecem o surgimento de lideranças femininas. Num artigo publicado em 1980, *Mary Farrel Bednarowski* apontou alguns fatores comuns que podem ser encontrados nas religiões que têm mulheres em importantes papéis de liderança. Segundo esta autora, nas religiões institucionais as mulheres são membros das congregações, enquanto os ministros, pastores, teólogos e líderes são homens; poucas mulheres são mencionadas nas histórias padronizadas quando lideraram grupos dissidentes. Depois de comparar quatro grupos que surgiram em meados do século XIX – Shake-rismo, Espiritualismo, Ciência Cristã e a Sociedade Teosófica – *Bednarowski* argumenta que as mulheres só atingem posições de liderança e igualdade em movimentos religiosos com as seguintes características:

- 1) Uma percepção de divindade que não enfatize o masculino, seja atribuindo um caráter bissexual à divindade ou concebendo o princípio divino como impessoal e/ou não antropomórfico.
- 2) Relativizando ou negando a doutrina da Queda.
- 3) Não veja como fundamental necessidade um clero tradicional e ordenado.
- 4) Uma visão de casamento que não valorize a condição de esposa ou de maternidade como esfera exclusivamente feminina nem como a única forma de realização das mulheres<sup>2</sup>.

A cultura ocidental enfatiza um Deus que é onipotente, transcendente e, algumas vezes, vingativo; segundo uma avaliação feminista isto é fundamental para a existência de estruturas reli-

1. *Sobre a história do Espiritualismo e Espiritismo* ver: Silva, E. Moura O Espiritualismo no século XIX: reflexões teóricas e metodológicas sobre correntes culturais. Col Textos Didáticos, Campinas, IFCH/UNICAMP, 1997 e *Um Novo Mundo dos Espíritos in Vida e Morte: Homem no Labirinto da Eternidade*, Campinas, Unicamp, Tese Doutorado, 1993, p. 158-209. Ver também Aubrère, M. e Laplantine, *Le Livre, la table et les Esprits*, Paris, J.C. Lattés, 1990.

2. In: *Bednarowski, Mary Farrel, "Outside the Mainstream: Women's Religion and Women Religious Leaders in Nineteenth Century America"*, *Journal of The American Academy of Religion* 48 (June 1980), 207-31

gias punitivas e autoritárias. Esta imagem única de Deus torna quase impossível para os seguidores religiosos aceitarem uma mulher num papel religioso importante e de decisão a figura masculina de Jesus Cristo torna muito difícil para uma mulher identificar-se com o papel central na religião ou mesmo permitir que os fiéis se identifiquem com uma mulher representando a imagem de Cristo.

Uma análise histórica da figura da mulher na tradição judaico-cristã demonstra que a doutrina da Queda, segundo a qual ela é a causa da Queda e considerada mais pecadora do que o homem, precisa ser negada ou reinterpretada para que as mulheres possam ser vistas em termos de igualdade, exercendo uma liderança sem discriminação sexista. Algumas teólogas feministas reinterpretarão o pecado como uma condição na qual as relações de vida apoiadas na equivalência são transformadas em relações de morte, de subordinação e dominação.

Para que as mulheres possam desempenhar a liderança, é necessário ampliar, e muito, papéis de gênero que não privilegiem casamento e maternidade, excluindo outras atividades e sentidos de realização das mulheres.

Estes quatro fatores apontados por *Bednarowski* são ponto de partida para algumas questões que envolvem a problemática das lideranças femininas em religiões marginais. Dois aspectos devem ser levados em consideração: grupos nos quais homens e mulheres tem papéis similares e iguais; grupos nos quais predomina a liderança feminina. Cabe também discutir o que pode ser considerado como um movimento religioso marginal.

### 3. Movimentos religiosos marginais

Existem vários tipos de marginalidade religiosa. De maneira geral, para uma religião ser considerada ou não marginal, depende da perspectiva da pessoa ou do grupo que está fazendo o julgamento. A questão da marginalidade religiosa, dos movimentos alternativos, é muito fluida. Depen-

de de aspectos variados, sejam eles culturais, sociais, históricos, econômicos e, até mesmo, teológicos<sup>3</sup>.

Assim, além de existir várias formas de marginalidade religiosa, alguns destes grupos podem se transformar em principais ou oficiais, depois de algum tempo. É difícil colocar em termos definitivos o conceito de marginalidade mas, no que se refere ao tema das lideranças femininas em religiões marginais desde a segunda metade do século XIX, algumas definições são adequadas.

Em primeiro lugar estão grupos cujos membros separaram-se espontaneamente de uma tradição principal, para preservar o que consideram como a verdade religiosa. Tendem a isolar-se do que consideram um mundo pecador e corrupto e, normalmente, são bastante sectários e exclusivistas.

Num segundo lugar temos os grupos que, embora aceitando a ordem social, rejeitam as concepções religiosas majoritárias na sociedade. Estes grupos tendem a valorizar a experiência mística individual. Os membros destes grupos, embora façam parte da cultura dominante, se sentem diferentes na sua religiosidade e rejeitam as visões mais tradicionais. Podemos exemplificar com o Espiritualismo, Espiritismo, Teosofia, Ciência Cristã, entre outros.

O terceiro grupo é formado por grupos cujos membros se sentem excluídos de religiões tradicionais por questões econômicas, sociais e raciais, sendo compelidos ou escolhendo formar suas estruturas religiosas particulares. Este fenômeno é muito comum nos EUA. Em países com mais desigualdades sociais como na América Latina, um fenômeno semelhante pode ser encontrado, sobretudo, entre os grupos protestantes e pentecostais das regiões mais carentes, onde o sentimento de exclusão social e as poucas possibilidades de mudança acentuam o sentimento de pertencimento a certas comunidade periféricas. No caso do sentimento de exclusão ser ocasionado por

3. Barker, Eileen & Warburg, Margit (ed.). *New Religions and New Religiosity*. Aarhus, Aarhus University Press, 1998.

sexismo, é comum a criação de alternativas onde as mulheres desenvolvem espaços autônomos dentro, ou fora, das suas religiões de origem, com liturgias e teologias próprias. Neste caso, é comum o desenvolvimento de rituais de consagração entre as próprias mulheres. Como exemplo, temos o surgimento das teologias eco-feministas, grupos como Católicas pelo Direito de Decidir, Women-Church ou, mais específicos, a Wicca.

No quarto grupo estão as religiões de origem estrangeira, importadas de suas tradições religiosas oficiais e que ganham novos convertidos de outras culturas e nacionalidade. Este é o caso das mulheres que se convertem ao Budismo ou Hinduísmo na forma como estão sendo divulgados e propagados no Ocidente, onde relações de Gênero, culturalmente distintas de suas origens no Oriente, acabam por permitir novas inserções por sexos.

Neste artigo vamos avançar com estas discussões sobre Gênero Religião e movimentos religiosos marginais pelo estudo de duas mulheres que lideraram movimentos metafísicos do final do século XIX: *Anna Bonus Kingsford* (1846-1888) e *Florence Farr* (1860-1917).

#### 4. Mulheres e os movimentos metafísicos

Os movimentos metafísicos ocidentais, a partir da segunda metade do século XIX, têm suas raízes no Transcendentalismo, em Swedenborg, no Ocultismo e no Espiritualismo, nas diversas maneiras de interpretação sobre as religiões orientais em geral, e o budismo e o hinduísmo, em particular, feitos no pensamento ocidental desde esta época<sup>4</sup>.

4. Faivre, A. *Access to Western Esotericism*. NY, State University of New York, 1995. *El Esoterismo en el siglo XVIII*, Madrid, EDAF, 1976. Broek, R/ Hanegraaff, W. (org.). *Gnosis and Hermeticism: from Antiquity to Modern Times* NY, State of NY University Press, SUNY Series, 1998. Hanegraaff, W. *New Age Religion and Western Culture: Esotericism in the Mirror of Secular Thought*, NY, State of NY University Press, SUNY Series, 1998.

A visão desenvolvida nos movimentos metafísicos é monística, sendo Deus concebido como um Princípio Universal Imanente. No que se refere à existência da matéria, duas concepções são encontradas: uma que vê a matéria como uma ilusão, não-existente de forma concreta ou absoluta; a outra abordagem, define a matéria como um desenvolvimento do Espírito, contendo elementos divinos. Encaram com otimismo a natureza humana, rejeitando a doutrina do pecado original. A condição humana não é pecaminosa, mas o resultado da ignorância espiritual; a salvação é produto do conhecimento e da obtenção da Sabedoria. Há uma tendência em perceber os indivíduos em eterno progresso, seja depois da morte ou por meio do processo de reencarnação. A única necessidade é a do conhecimento que conduz ao verdadeiro relacionamento com Deus. Jesus é, geralmente, visto como um caminho espiritual e moral, havendo a distinção entre os princípios cristãos e a figura humana de Cristo. Os movimentos metafísicos priorizaram o espírito ou o pensamento, enfatizando o poder do pensamento em afetar o mundo material para o Bem ou para o Mal. O bem-estar seria um predicado resultante do conhecimento das leis que regem o mundo invisível; estas leis podem ser manipuladas quando são conhecidas, ao invés de agir sem controle por causa da ignorância humana.

Os movimentos metafísicos oferecem o monismo como alternativa ao teísmo ocidental e ao materialismo científico, com uma visão animística do Universo, formulada de maneira compreensível. Nos movimentos metafísicos monistas, a liderança religiosa podia ser exercida em conexão com a Cura Divina. Dentro de organizações metafísicas, houve maior possibilidade de papéis de liderança para algumas mulheres.

É possível sugerir, de forma bastante circunstanciada, que a espiritualidade e a teologia feminista têm raízes profundas nos movimentos metafísicos. As médiuns, adivinhas, profetisas, curadoras, escritoras, administradoras, pensadoras nos movimentos metafísicos exerciam suas lideranças

sem necessidade de ordenação, de dependência de alguma forma de ministério clerical. Especialmente ao final do século XIX e inícios do XX, os movimentos metafísicos ofereciam boas alternativas para a participação feminina.

Nas sociedades burguesas do século XIX, os homens saíam para o trabalho, enquanto mulheres de grupos sociais médios e altos, ficavam em casa, exercendo a função não-remunerada de cuidar da casa e dos filhos. Este culto da “verdadeira feminilidade” assegurava que o lugar da mulher era a esfera doméstica, cabendo a ela o lar em um santuário de paz, para onde seu marido retornaria após um árduo dia de trabalho. Os homens estavam muito ocupados para preocupar-se com assuntos religiosos e sem interesse em assuntos espirituais, sendo a religião colocada na esfera de ação das mulheres. As mulheres deveriam exercer uma sutil influência moral sobre seus maridos, criando os filhos na devoção e piedade. Gradualmente, para que pudessem ser melhores mães e esposas, foram sendo oferecidas novas oportunidades educacionais às jovens mulheres.

A crescente educação feminina, junto com as atividades revivalísticas religiosas do final do século XIX, começou a desmontar as fronteiras da esfera feminina. A noção prevalecente da “verdadeira feminilidade”, definindo a casa como o lugar da mulher, começou a ser utilizada para justificar a atividade social das mulheres. Tornaram-se pregadoras, testemunhando e orando em lugares públicos, em reuniões conjuntas com homens, lutando decididamente pela conversão de amigos, maridos e crianças. As mulheres levaram a sério sua missão como guardiãs da moralidade, estendendo esta missão ao mundo exterior, fora de seus lares. Para alcançar este objetivo, organizaram-se em uma variedade de associações voluntárias para trabalhar pela temperança, pela reforma prisional, abolição da escravidão, trabalho voluntário em várias regiões do mundo, assistência aos pobres, pela reforma moral e, finalmente, pelos direitos das mulheres. Nestas atividades adquiriram experiência em admi-

nistrar, escrever e falar, em conjunto com outras mulheres. Os homens começaram a ficar preocupados quando estas professoras das Escolas Dominicais e missionárias começaram a aspirar ao ministério dentro das Igrejas e grupos religiosos. As mulheres metodistas com seus movimentos de santificação (holiness), defendendo a necessidade da experiência direta da santificação vinda de Deus pela ação do Espírito Santo foram, particularmente, ativas como pregadoras, missionárias e reformadoras sociais<sup>5</sup>.

Estas mudanças sociais e culturais criaram um ambiente no qual as mulheres poderiam e deveriam exercer lideranças nas religiões tradicionais, bem como em grupos marginais.

Estamos diante de uma questão muito controversa dentro da história religiosa das mulheres. A religião oprime ou libera as mulheres? A religião tem funcionado para reforçar papéis que servem para limitar as oportunidades femininas? Ou, ao contrário, confere poder às mulheres para exceder os papéis normativos<sup>6</sup>?

A análise histórica demonstra respostas variadas para estas questões. Evidentemente, se pensarmos em termos de movimentos metafísicos,

5. Sobre estas questões ver: Rothman, Sheila. *Woman's Proper Place: A History of Changing Ideals and Practices, 1870 to the Present*, NY, Basic Books Inc, Publ., 1978, p. 3-9, 13-60. Dally, Ann. *Inventing Motherhood: The Consequences of an Ideal*. NY, Schoken, 1983. Hellerstein, E.O./Hume, L.P./Offen, K.M. (ed.), *Victorian Women: A Documentary Account of Women's Lives in Nineteenth Century England, France and The United States*. Stanford, Stanford University Press, 1981, p. 152-7, 212-217; 428-33, 436-441. Ruether, Rosemary R. “Christianity and Women in the Modern World” In *Today's Woman in World Religions*, op.cit. p. 271-2. Vicinus, Martha. *Independent Women: Work and Community for Single Women, 1850-1920*, Chicago & London, The University of Chicago Press, 1985, p.121-4. Hill, Patricia. *The World Their Household: The American's Woman's Foreign Mission Movement and Cultural Transformation, 1870-1920*. Ann ARBOR, Univ. of Michigan, 1985. Chambers-Schiller, Lee. *Liberty, A better Husband: Single Women in America: The Generations of 1780-1840*. New Haven, Yale University Press, 1984. *The Single Women Reformer: Conflicts Between Family and Vocation*, *Frontiers* 3, n.3 (1978): 41-48.
6. Ver Braude, Ann. *The Perils of Passivity: Women's Leadership in Spiritualism and Christian Science*. In Wessinger, C. op. cit. 55-67.

podemos perceber uma determinada forma de liderança e presença feminina muito além dos limites de comportamento esperado para os papéis de gênero feminino, sobretudo, naqueles casos em que algumas mulheres tiveram uma posição de grande autoridade e poder. Contudo, nem todas as estruturas religiosas lideradas por mulheres geraram organizações que favoreceram as seguidoras e aderentes.

Uma hipótese sugestiva é a de que o conteúdo doutrinário é a principal influência no que se refere à promoção dos direitos e participação das mulheres, bem como na construção de novos, ou no reforço, de tradicionais papéis de Gênero. Vejamos os casos ilustrativos de *Anna Kingsford* e *Florence Farr* dentro do movimento metafísico.

#### 4.1. *Anna Kingsford*

No ano de 1883 dois importantes membros abandonaram a Loja da Sociedade Teosófica em Londres: *Anna Kingsford* (AK) (1846-1888) e *Edward Maitland* (EM) (1840-1898). A trajetória destes personagens está ligada à criação de uma teologia feminina do Espírito Santo e à fundação de associação particular, a Sociedade Hermética, em 9 de maio de 1884.

Foi *Anna Kingsford* (1846-1888) quem, claramente, elaborou a estrutura metafísica e teológica da nova Sociedade Hermética. Nasceu em Maryland Point, na Inglaterra. Filha de um rico comerciante, concluiu seus estudos numa escola em Brighton. Após a morte de seu pai, em 1865, herdou uma renda anual de 700 pounds, bastante significativa para a época. Suas primeiras realizações intelectuais foram a literatura e a poesia, tendo publicado seu primeiro livro, *Beatrice, a Tale of the Early Christians*, com apenas 13 anos. Depois disto, textos de sua autoria apareceram nos magazines *Churchman's Companion* e *Penny Post*.

Em 1867, *Anna*, que sempre fora uma ardorosa militante pelos Direitos da Mulheres, procurou *Miss Florence J. Theobald of Hastings* para que assinasse uma petição que assegurava os direitos

legais de propriedade das mulheres casadas. Depois deste contato, começou a frequentar as sessões mediúnicas na casa de *Miss Florence*, uma líder espiritualista inglesa, que publicou vários livros sobre o tema.

*Anna* casou-se com um primo, *Algernon Godfrey Kingsford* (1845-1913), não sem antes tê-lo obrigado a assinar um documento onde ficava claro que, depois de casada, ela seria livre para seguir seus próprios caminhos e interesses. Deste casamento, nasceu sua única filha, *Eadith Bonus Kingsford*. Em 1870, *Anna* resolveu ser batizada na Igreja Católica, dizendo-se atraída pelos aspectos místicos e rituais do Cristianismo e adotando o nome de Anna Mary Magdalen Maria Johanna.

Em 1872, começou a editar o *Lady's Own Paper*, fazendo campanha contra a vivisseção e defendendo os direitos das mulheres. Como não aceitava nenhum tipo de propaganda e patrocínio, a publicação tornou-se deficitária e, depois de 2 anos, deixou de existir. É possível pensar também que, neste momento, suas atenções intelectuais estivessem voltadas para outras coisas, pois em 1873 começou a estudar Medicina em Londres, tendo concluído sua formação em Paris, onde recebeu seu MD no ano de 1880. Clinicou em Londres, principalmente com mulheres, e foi ativista do vegetarianismo, da proteção aos animais contra os mau-tratos e dos assuntos sobre emancipação feminina, incluindo a educação superior para mulheres.

De saúde muito frágil, asmática, sujeita a tonturas e desmaios inesperados, ela escreveu em seu diário que "*had an overwhelming ambition to change the world and achieve glory, and that her bodily sufferig was Karma for her sins of the flesh in former lives*". No ano de 1874, encontrou aquele que viria a ser seu parceiro intelectual e espiritual por toda sua vida: *Edward Maitland* (1824-1897), viúvo, funcionário do Governo Inglês. Tendo lido um livro que ele escrevera, *By and By: an Historical Romance of the Future* (1873), *Anna* iniciou contato por cor-

respondência com aquele que seria sua mais sólida relação emocional, co-autor e biógrafo<sup>7</sup>.

A relação próxima, cotidiana e intensa entre *Anna e Maitland* é bastante exemplar de um certo padrão cultural da sociedade vitoriana burguesa do século XIX. Segundo o historiador Peter Gay, nas fantasias burguesas do século retrasado, encontram-se entrelaçados aquilo que Freud chamaria de "as duas correntes do amor": a sensual e a terna. No exame das maneiras de amar, de exprimir e de dissimular o erotismo adotadas pelas classes médias educadas da época, tanto nas fantasias do amor romântico como nas teorias científicas, literárias e psicológicas sobre o amor, algumas transformações são evidentes. Gay explora o impreciso e elástico repertório do amor manifesto no desejo por coisas e obras de arte, ideais sagrados ou profanos durante a época vitoriana. Sob pressão de ansiedades e sentimentos de culpa, de acordo com as severas regras e pressões organizadoras da cultura, as energias eróticas reaparecem em lugares inesperados. Entre os caminhos tortuosos que os impulsos sexuais podiam tomar na sua busca pela gratificação, havia um, na época vitoriana que atravessava o terreno da religião, tanto das religiões cristãs tradicionais como dos novos movimentos metafísicos e espiritualistas, revestindo as paixões carnis de dignidade espiritual:

O amor do homem pela música, pela Natureza, por Deus, e outras ligações espirituais, em suma, devem sua força a muitas fontes ocultas. Podem ser convicções firmes e defendidas com inteligência, meras repetições mecânicas de posturas da moda ou aquisições especialmente apreciadas, conquistadas ao cabo de anos de estudo; (...).

7. Utilizaremos as seguintes obras de A Kingsford e E. Maitland: *The Perfect Way* (1882); *The Credo of Christendom and other addresses and essays on Esoteric Christianity* (1884); *The Virgin of the World of Hermes Mercurius Trismegistus* (1885), reimpressões facsimilares de Kessinger Publ., 1989. Os dados biográficos foram extraídos de Shirley, R. *Anna Kingsford & Edward Maitland*, Essex, reimp. de Mandrake Press, 1993 e de Maitland, E. *The Life of Anna Kingsford* (1896), reimp. de Kessinger Publ., 1989.

O que mais importa neste caso é que quase sempre pode-se ver que, na verdade, estamos diante de deslocamentos de um desejo erótico para o qual não há um modo de expressão convencional<sup>8</sup>.

*Anna e Maitland* começaram a frequentar o Museu Britânico para estudar assuntos tais como platonismo, neoplatonismo, gnosticismo e hermeticismo. Para ela, *Maitland* era seu colaborador, parceiro intelectual e ambos buscavam o caminho da Grande Iluminação. *Maitland* acompanhou-a em Paris, durante o período de estudos médicos e em todo o período de estudos místicos e de participação em grupos e sociedades.

Em 1883, atendendo a uma solicitação de Helena Blavatsky que estava na Índia, *Anna* se tornou Presidente, e *Maitland* o Vice-Presidente, da Loja Londrina da Sociedade Teosófica. Porém, logo tiveram uma discordância com outro importante membro do grupo, Alfred P. Sinnett, sobre um livro chamado *Esoteric Buddhism*. Na opinião de *Anna*, o texto não era nem esotérico e nem budista. O resultado final deste conflito, tendo Blavatsky apoiado Sinnett, foi a saída de *Anna e Maitland*<sup>9</sup>.

Em 1883, Dr *Anna Kingsford*, presidente da Loja Londrina, publicou um panfleto intitulado *A Letter addressed to the fellows of the London Lodge of the Theosophical Society, by the presidente and vice-presidente of the Lodge*, onde propunha a criação de duas seções da Loja Londrina, uma formada pelos membros que desejassem seguir os ensinamentos dos *Mahatmas* tibetanos reconhecidos como Mestres, e outra formada pelos que desejassem adotar uma base mais ampla e estender suas pesquisas em outras direções, principalmente o cristianismo esotérico e a teosofia ocidental.

8. Gay, Peter. *A Experiência Burguesa da Rainha Vitória a Freud: A Paixão Terna*. SP, Cia das Letras, 1988-1990, p. 222.  
9. Sobre estes conflitos e dissensões ver "Troubles" in Washington, Peter. *Madame Blavatsky's Baboon: A History of the mystics, Mediums and Misfits who brought Spiritualism to America*. NY, Schocken Books, 1193, p. 68-86.

HPB aceitou a proposta e foi criada uma Loja Hermética, que logo se tornou uma organização independente, a Sociedade Hermética, sob a liderança de *Anna Kingsford*. Os objetivos centrais propostos pela Sociedade Hermética, e presentes nas obras de *Anna e Maitland*, eram a restauração do verdadeiro, esotérico e espiritual Cristianismo, da filosofia ou teosofia ocidental pela reinterpretção da religião cristã. Esta concepção apoiava-se na antigüidade dos conhecimentos teosóficos ocidentais, que não podiam ser confundidos com a moderna organização da Sociedade Teosófica. Segundo *Anna*, o tema era fundamental para a compreensão da cultura espiritual do ocidente cristão:

Theosophy – both the term itself and the system properly so called – has subsisted in the Church form the beginning; and what I have done is to restore and develop it – not as lately ‘come over to Europe’, but as held by St. Paul, by St. Dionysius ‘The Aeropagite’, by the scholastics, and by the host of Christianity mystical philosophers, to whom aloné it is due that Christianity is now in any degree a spiritual religion, instead of having degenerated into a mere fetish-worship. I propound no ‘modern theosophy’ which is not also ‘older mysticism’<sup>10</sup>.

Em 1884, apareceu um prospecto contendo os objetivos da Sociedade Hermética. Segundo o texto, o nome da Sociedade Hermética fora escolhido em função de uma antiga e universal tradição ocidental de considerar HERMES como o supremo iniciador do Sagrados Mistérios da existência, o conhecedor absoluto das coisas espirituais e ocultas. Os objetivos da Sociedade eram científicos, intelectuais, morais e religiosos; garantia aos membros total liberdade de opinião, ação e expressão; incentivava a publicação de literatura hermética, tanto antiga como contemporânea. No aspecto teórico e conceitual, deixava claro seus objetivos e influências:

Its chief aim is to promote the comparative study of the philosophical and religious systems of the east and west; especially the Greek Mysteries and the Hermatic Gnosis, and its allied schools, the Kabalistic, Pythagorean, Platonic and Alexandrian – these being inclusive of Christianity, – with a view to the elucidation of their esoteric and real doctrine, and the adaptation of its expression to modern requirements.

The knowledges acquires will be applied, first, to the interpretation and harmonisation if the various existing systems of thought and faith, and the provision thereby if na *Eiriconen* among all Churches and communions; and secondly to the promotion of personal psychic and spiritual development<sup>11</sup>.

Hermetismo e Cristianismo eram a base doutrinária dos textos de *Anna*. O grande caminho do aprimoramento espiritual estaria no estudo e compreensão dos grandes místicos de todas as épocas, nos ensinamentos das escolas platônicas e pitagóricas, no sistema do gnosticismo alexandrino, nas Lojas de filosofia semi-oriental do Egito e da Ásia Menor e nos primeiros séculos do cristianismo. O caminho da regeneração e iluminação passava também por S. Bernardo, S. Tomás, *Meister Eckhart*, *Ruysbroeck*.

Segundo o pensamento de *Anna*, o caminho místico era construído sobre rochas que jamais sacudiriam ou desmanchariam. Também não haveria contradição entre Revelação, definida como o “Supremo Sentido”, e a Razão conduzida pela intuição e inspiração. A Intuição era uma forma feminina da mente e representava a alma, sendo chamada místicamente de “A Mulher”<sup>12</sup>.

Seus objetivos era reformar o sistema cristão e criar uma Igreja Esotérica. As chamadas para as primeiras reuniões da Sociedade deixava claro que o objetivo era estudar o Credo Cristão em seus sentidos ocultos e esotéricos, suas relações com a natureza da existência e correspondências com os Mistérios da Antigüidade, conhecimentos estes que haviam sido preservados e transmitidos por *Saint Martin*, *Böhme*, *Swedenborg*, *Eliphas Levi*.

10. *The Virgin of the World of Hermes*, op. cit. p.ix.

11. *Life of*, op. cit. p.213.

12. *Credo of Christendom*, op. cit. p. 41.

Sem sombra de dúvida, AK trilhava a tradição esotérica e ocultista de sua época. Seria possível argumentar que a negação da influência oriental confirmava sua posição histórica diante desta tradição cultural, acentuando a importância histórica que tais movimentos representavam:

To the philosophical student of humanity the most significant and important feature of the present is, unquestionably, the revival of Occult Science and Mystical, or Esoteric Philosophy. (...) for the moment chosen has been one wherein the human mind, as represented by the recognised interest of the age, had become, to all appearance, irrevocably set in the opposite direction – that of materialism<sup>13</sup>.

O centro de sua teologia era *Koré Kosmou*, a “Virgem Cósmica”, uma revelação da identidade da antiga religião de sabedoria da antigüidade com o Credo da Cristandade Católica. *Koré* era o nome pelo qual nos Mistérios Eleusianos, *Perséfone*, dama e filha, era saudada. *Koré* era a alma personificada, cuja descida ou queda das esferas celestes para o plano terreno fazia parte da parábola hermética.

No começo de 1887 a saúde de AK começou a declinar seriamente e, até sua morte por pneumonia, em 22 de fevereiro de 1888, ela não mais participou da Sociedade Hermética, que foi conduzida por *Maitland*.

A Sociedade não sobreviveu à sua morte, mas os anos de seu funcionamento e as obras teológicas de *Anna* tiveram uma forte influência nos movimentos esotéricos, ocultistas e mesmo na teosofia. A recuperação de uma idade de ouro do misticismo cristão, de uma arcaica “Igreja Filosófica” em conexão com alquimia, cabala e hermetismo, foram particularmente importantes e influenciaram tanto o espiritualismo como a teosofia. Após a sua morte, *Maitland* disse:

13. *The Virgin of*, op.cit. p. xv.

The most recognised sources of information on such objects (*Anna Kingsford* teachings), next to the Bible and the Church, are those called ‘Spiritualism’ and ‘Theosophy’<sup>14</sup>.

A teologia de *Anna* chama a atenção no que se refere ao ideal feminino de divindade. A imagem de Deus, de Hermes, de *Koré Kosmou*, são referências ao feminino e masculino como princípios divinos, sumarizados em sinônimos de Mente, Espírito, Alma, Princípio, Vida, Verdade e Amor. Reagia contra a doutrina da Queda como responsabilidade da mulher. Ao contrário, *Sophia* era o princípio condutor da integração e reintegração do Espírito-Matéria-Esperito. O Homem era naturalmente bom, rejeitando a tradicional idéia cristã de pecado original e o papel do movimento que organizou era o da verdadeira natureza da realidade espiritual, encorajando a harmonia individual com a ordem divina, independente de sexo. O divino não era descrito em termos de homem-mulher e sim como impessoal, comportando manifestações de natureza múltipla, inclusive em figuras sexualizadas. Evidentemente, esta teologia se articulava com sua inconteste liderança religiosa na Sociedade Hermética, ao afirmar os aspectos femininos da manifestação divina e ao rejeitar as tradicionais doutrinas de pecado e diabo<sup>15</sup>.

#### 4.2 Florence Farr (1860 – 1917): intelectual, atriz e sacerdotisa

Após a morte de *Anna Kingsford* e o fim da Sociedade Hermética, *Wynn Westcott* e alguns outros membros da extinta Sociedade, fundaram a Ordem Hermética da Aurora Dourada (*The Hermetic Order of the Golden Dawn*), para estabelecer uma so-

14. Norman, G. “*William Wynn Westcott. A Memoir, in Q.N. of the metropolitan Study Group*”, SRIA, nº 14, set. 1925, p. 2, in Gilbert. R.A., *The Golden Dawn Companion*, London, Aquarian Press, 1983, p. 23.

15. Ver Regardie, I. *The Golden Dawn*, NY, Mandrake Press, 1988. Torrens. R.G. *The Secret Rituals of the Golden Dawn*, NY, St Paul, 1972.

cidade que admitisse homens e mulheres, ao contrário das ordens maçônicas tradicionais:

As Freemasons they recognized the value of the form of the Obligation that bound members to secrecy concerning certain teachings and to 'promise never to divulge certain signs and passwords used by the members of the Society for mutual recognition. As Rosicrucians they recognized the value of superhuman hidden Masters, whose existence – real or imaginary – could be extremely useful to the leaders of an Order, whether one chose to call them mahatmas or Secret Chiefs. As men they recognized that the time was ripe for something more splendid than Theosophy<sup>16</sup>.

A maioria dos membros formadores do núcleo original da Golden Dawn vinham da Sociedade Teosófica de Londres, num movimento semelhante ao que já havia acontecido com *Anna Kingsford*. Eram *Samuel L. Mac Gregor Mathers* e *Dr. William R. Woodman*, maçons da *Societas Rosicruciana in Anglia* e também membros da Seção Esotérica da Sociedade Teosófica, sob a liderança de *Westcott*. Em 1891, *Westcott* falou sobre o episódio:

Several theosophists wished to join the Golden Dawn and difficulties were placed in their ways; to remove these, I was selected as the Hermetist who should endeavour to cast oil on troubled water and to be a bond of union and peace between the two societies and the Societas Rosicruciana In Anglia<sup>17</sup>.

Na Golden Dawn encontramos um amálgama de “tradições egípcias”, astrologia, tarot, geomancia, cabalismo, um sistema de pensamento de natureza hermética da relação macrocosmo-microcosmo relacionada ao organismo humano psíquico-físico. Pela compreensão deste sistema, o Adepto da GD tornava-se capaz de explorar as

16. Ver Showalter, Elaine. *Sexual Anarchy: Gender and Culture at the Fin de Siècle*. NY, Columbia University Press, 1997. Nunn, Pamela. *Canvassing: Recollection by Six Victorian Women Artists*. London, Candel Press, 1986.

17. Greer, op. cit. p. 212. Ver Johnson, Josephine. *Florence Farr: Bernard Shaw's "New Woman"*. Totowa, NJ, Rowman & Littlefield, 1975.

várias dimensões do plano astral, bem como mudar sua estrutura interna, sendo um mediador das influências divinas sobre o Cosmo. A estrutura ritual e iniciática era similar à da própria Maçonaria mas aceitando mulheres entre seus membros iniciados.

Nesta nova sociedade, destacavam-se a presença de *Florence Farr*, entre outras, como *Annie Horniman* (herdeira de uma grande companhia de chá e patroness do *Dublin's Abbey Theatre*), *Maud Gonne* (revolucionária irlandesa, atriz e musa inspiradora do poeta *Yeats*) e *Moina Bergson Mathers* (irmã do filósofo *Henry Bergson* e casada com *MacGregor Mathers*, o presidente da Ordem).

Estas quatro mulheres foram objeto de estudo do livro de *Mary K Greer*, *Women of the Golden Dawn: Rebels and Priestesses* (Rochester, VT, 1995). Nesta pesquisa, a autora coloca como foco de sua atenção tanto a história da Golden Dawn, como a das quatro mulheres e do grupo que cercava a associação, mesmo não sendo membros formais da Ordem: *John O'Leary*, *Ida Jameson*, *Beatrice Webb*, *George Bernard Shaw*, *Ezra Pound*, *Sean MacBride*, *Yeats*, entre outros nomes conhecidos como poetas, dramaturgos, escritores, socialistas etc. É possível encontrar *Florence Farr*, *May Morris* (filha de *William Morris*) e *Lily Yeats* (irmã de *Yeats*) engajadas em projetos da *Socialist League* e saber como foi feita a leitura das mãos de *George Shaw* pelo mago e fundador da Ordem, *S.L. MacGregor Mathers*.

Apoiando-se em premissas dos estudos sobre as mulheres no período vitoriano, o texto de *Mary Greer* associa as figuras destas quatro mulheres – *New Women* – com as pinturas pré-rafaelitas do período *fin de siècle*<sup>18</sup>. As quatro personagens descritas como “rebels and priestesses”, são analisadas como tendo adotado comportamentos que iam na contra-corrente das normas burguesas

18. Ver [www.aim25.ac.uk](http://www.aim25.ac.uk). (Archives in London and the M25 area). University of London (Library – Senate House).

então vigentes, na definição dos papéis culturalmente apropriados para as mulheres das camadas médias e altas. Por meio de seus engajamentos políticos, culturais e religiosos, assim como pelo comportamento iconoclástico, elas ajudaram a promover significativas mudanças estéticas, espirituais, sociais e políticas, vivendo seus amores, carreiras, idades e mortes.

Todas eram artistas: *Florence Farr* escreveu, em 1894, o livro *The Dancing Faun* e, em 1912, o *The Solemnization of Jacklin*; *Maud* escreveu, em 1938, *A Servant of the Queen*. Tanto *Florence* como *Moina* eram também artistas plásticas. *Annie Hornimann* era patrona das artes – comprou e fundou o *Abbey Theater* em Dublin – financiando os artistas que projetaram e confeccionaram os trajes e decoração da peça de teatro de *Yeats*, *The King's Threshold* (1913). Eram graduadas pela *London's Slade Art School*, onde *Yeats* tinha sido professor. Conheceram-se como estudantes e *Annie Horniman* sempre apoiou financeiramente o casal *Mathers*, quando desenvolviam e atuavam na *Golden Dawn*.

Chama a atenção a descrição do casamento celibatário entre *Moina* e *Mathers*. Entre fotos que mostram *Moina* paramentada como alta sacerdotisa Anari do Rito de Ísis, em cerimônia da *Golden Dawn*, há trechos de uma carta onde ela fala que, após alguns de casada “ (...) *how she and Mathers had remained perfectly clean and sexless*”<sup>19</sup>.

Embora todas as quatro fossem personalidades complexas, cujas vidas desafiaram os padrões convencionais da época, *Florence Farr* emerge como a mais enigmática. Seu envolvimento amoroso com *George Bernard Shaw*, entre inúmeros outros casos sentimentais, sua atuação como atriz e seu lado espiritual são intrigantes.

*Florence Farr* nasceu em 1860, filha de um famoso e pioneiro médico higienista inglês, amigo pessoal de *Florence Nightingale*. O nome *Florence* foi uma homenagem a esta amizade.

Quando tinha 19 anos posou, junto com outras amigas, para o pintor pré-rafaelita inglês, *Sir Edward Burne-Jones*, para o quadro “*The Golden Stairs*”, ainda hoje em exposição na *Tate Gallery* em Londres. Formou-se no *Queen's College*, o primeiro para mulheres na Inglaterra, mas demonstrou pouco interesse em seguir carreira como professora. Sua bela voz e aparência física, levaram-na aos palcos de teatro. Lá conheceu o ator *Edward Emery*, com quem contraiu um matrimônio de curta duração. Em vários momentos de sua vida, *Florence* se referiu a este como o período mais tedioso da sua vida, fazendo sempre comentários críticos e ácidos às restrições impostas na época vitoriana a vida de casada. Depois do divórcio, ele foi para a América e *Florence* nunca mais se casou.

Em 1890, *Florence* mudou-se para *Bedford Park*, bairro habitado por intelectuais, boêmios, artistas, livre-pensadores. Foi durante este período que *John Todhunter* (futuro membro da *Golden Dawn*) escreveu a peça “*A Sicilian Idyll*”, tendo *Florence* no papel da Sacerdotisa *Amaryllis*, invocando a Deusa da Lua *Selene*, para destruir um amante infiel. Tanto *Shaw* quanto *Yeats* assistiram a peça e apaixonaram-se por *Florence*. Ao contrário do papel de musa poética ou *New Woman* projetado para ela por *Shaw* e *Yeats*, foi *Florence* (com a ajuda financeira de *Annie*) quem deu aos dois a oportunidade de encenarem suas peças, tendo desempenhado papel de destaque em ambas. Durante muitos anos, os três mantiveram seus relacionamentos, amizades e aventuras artísticas.

Representou vários papéis em peças de *Yeats* como, por exemplo, *The Countess Cathleen*, na personagem de *Aleel*, uma ministrel que possuía o poder do Espírito do Mundo, cantando sua parte em versos e tocando um Sal-tério, uma harpa parecida com a do rei *Davi*. Foi também a primeira atriz inglesa a atuar numa peça de *Ibsen*, fazendo considerável sucesso no papel de *Rebecca* na produção inglesa de *Rosmersholm*, em 1891.

19. Westcott. *Collectanea*. Op cit. p. 1-15 e p. 1-12.

Contudo, ao entrar para a *Golden Dawn* e começar a trilhar seus estudos espirituais e metafísicos, perdeu o interesse na carreira artística. Shaw manifestou, em vários momentos, que detestava este aspecto irracional de Magia e Egiptologia de Florence. Ele transformou esta crítica em um trecho de sua peça *Caesar and Cleopatra*, onde *Cleopatra* aparecia dizendo que era “a modern woman”, enquanto tocava um saltério:

When I was foolish, I did what I liked. Now that Caesar (a male and God) has made me wise, I do what must be done and have no time to tend myself. This is not happiness, but it is great<sup>20</sup>.

Florence se tornou interessada em assuntos metafísicos, começando a participar da Sociedade Teosófica de Londres e vários outros círculos teosóficos. Entrou para a *Golden Dawn* em julho de 1890, logo após completado 30 anos. Fez rápido progresso nos diferentes graus iniciáticos da ordem e, no solstício de Inverno de 1891, numa cerimônia iniciática de Morte e Renascimento, alcançou os graus 5 e 6. No ano seguinte, foi elevada ao cargo de Praemonstratrix da Ordem. Nos anos anteriores ao seu ingresso na Ordem, Florence mantinha um pequeno oratório com uma imagem egípcia, que ela chamava de seu *KA*, seu duplo celestial. Durante muitos anos, se dedicara aos estudos de egiptologia com *Sir E. Wallis Budge* no Museu Britânico, e de alquimia com *Thomas Vaughan* e o Rev. *William Ayton*. Na *Golden Dawn*, Florence alegava invocar (e transformar-se) o deus THOT, como espírito mercurial e alquímico.

Florence foi uma escritora prolífica, especialmente em assuntos metafísicos e ocultistas. Escreveu vários artigos para a *Occult Review*, *The Theosophical Review* e *The New Age*. Na *Golden Dawn*, produziu vários textos e panfletos, abordando temática variada, tal como *Will Power*,

*Hermetic Love e Traveling in the Spirit Vision*. Quando *Wynn Westcott* organizou a famosa *Collectanea Hermetica*, ela escreveu os comentários dos textos *A Short Inquiry Concerning the Hermetic Art* e *Euphrates or The Waters of the East*. De acordo com seus comentários, estes textos não tratavam da questão física da transmutação dos metais, mas eram textos sobre filosofia da Natureza, verdadeiros guias para se alcançar a perfeição do corpo e da mente. Distinguindo a essência do Ser pela alquimia, seria possível regenerar a Matéria e Espírito, unindo a Vontade Humana com a Vontade Universal, o Microcosmo com o Macrocosmo<sup>21</sup>.

Também nesta coletânea foi publicado seu livro *Egyptian Magic* de 1896. Baseando-se na interpretação de textos egípcios que estudara no Museu Britânico, Florence procurava demonstrar os paralelos entre a Magia Egípcia e os trabalhos Herméticos, Alquímicos, Cabalísticos e Rosacruz. Utilizava os textos egípcios como modelos rituais para a invocação de Formas Divinas e Símbolos, que podiam despertar e desenvolver os poderes adormecidos da natureza humana. Desta maneira, o iniciado poderia se transformar em Osíris, o Uno Perfeito. Várias passagens de sua obra fazem referência aos poderes mágicos femininos:

When the natal epoch arrived the Great Mother-Force, symbolized by the vulture holding the Seal, imprinted upon the Primal Entity the symbols dominant at the selected moment; and this is the rationale of the Astrological horoscope. The human mother had in the meantime become the centre of elemental forces that formulated an illusive attraction around her. This is the formulation of the SAHU, or the Astral body of the future human being under the magic of the natural elemental forces. For the plainest woman for a time, becomes beautiful in the eyes of her lover. (...). The SAHU, or astral body, both before and after the conception, possessed that power of radiation which formed the sphere of attraction round the human mother, which was sealed by the Great Vulture-Mother-Force at

20. S.S.D.D. *Egypt Magic In Collectanea*. Volume VIII. Op. cit. p. 3-4.

21. Idem, p. 8.

the time of conception and was withdrawn instantly to form the sphere or aura of the future human being – this is called the KHAIBIT, or radiating aura<sup>22</sup>.

Suas descrições de rituais mágicos do antigo Egito são ilustradas por imagens murais da Rainha Hatshepset (c. 1600 a.C). As associações retratam uma iniciação onde maternidade, divindade real, símbolos místicos, potência sagrada, intuição e dom de profecia, são atribuídos a divindades femininas e a figura da Rainha:

Here we have a representation of a fully initiated ruler. Her Divine Power are represented on her head-dress by the feathers of the Celestial and Terrestrial Truth; the orb of the Sun; the two Goddesses ruling the commencement and fruition, represented by the horned and orbed uraei, symbols of beauty, life and fierce protective motherhood; the ram's horns of all-penetrating potency; the names with the fiery serpent of prophecy and protection upright before her face.

Above the figure of the Queen is the Mother-Vulture; at once the avenging, protective and intuitive emissary of MAUT, the Mother of all Things; holding the Seal composed of a ring and a plate engraved with the symbols of the birth-presiding forces which gave a name of power to the Queen<sup>23</sup>.

No que se refere a uma análise do Cristianismo feita por Florence, o ponto de partida foi um texto intitulado **Extracts from the Gnostic Papyrus (Discovered by Bruce, and Preserved in the Bodleian Library)**. Havia, segundo esta concepção metafísica, um lugar para uma Grande Mãe no Cristianismo. Desta força divina feminina nasce o Pai, a concepção de Si e o enviado, o três vezes nascido, o Cristo:

"The Great-Mother and her order – The All-Established One went forth; she had a crown upon her head and she placed it upon those who believed. And The Virgin – Mother, the Power of the Eons, the Hierarchy of its Worlds was according to the order of the Interior Place. She established in herself the Brilliance of the Light after

the type of Monad; she established the Katalyptos (judgments) which surrounded her; she established the Propathor (Great Ancestor) according to the Type of the Indivisible and the Twelve Christs which surrounded them. (...). The First Begotten is established – Then the Mother established the Progenitor as Her-Son. She gave Him Power, she gave Him armies of angels and archangels and Twelve Powers; she gave a garment in which all bodies should exist, bodies of Fire, Water, Air, Earth, Wind, Angels, Archangels, Powers, Forces, Gods, Lords, in a word all bodies so that nothing should prevent Him from rising to the heights or descending to the depths of the Noum<sup>24</sup>.

Na liderança da Golden Dawn, ocupando o cargo de Praemonstratrix, uma das funções de Florence era ensinar e instruir fora da Ordem. De acordo com sua concepção, o sistema mágico deveria ser potencializado e os adeptos mais preparados eram convidados para participar do próprio grupo de Florence, conhecido como The Sphere Group.

Em 1897, após a renúncia de *Westcott*, Florence tornou-se a *Chief Adept in Anglia*, cargo dirigente máximo da Ordem. Contudo, sua liderança não sobreviveu às intrigas e desavenças entre os diferentes membros do grupo. Após alguns anos lidando com conflitos pessoais e políticos, ela renunciou em 1902. Como seus últimos trabalhos mágicos, ela escreveu e produziu, junto com Olivia Shakespear, duas peças: *The Beloved Hathor e Shrine of the Golden Hawk*, inspiradas nos modelos de Iniciação de Ísis da Golden Dawn. O tema central da primeira peça era a eterna luta entre o amor terreno e a sabedoria espiritual e a reconciliação entre eles. A segunda peça descreve a confecção ritual do Talismã de HERU, durante o qual o adepto (interpretado por *Florence*) se torna o talismã vivo e recebe toda a Sabedoria de HERU.

Nos anos seguintes, *Florence* seguiu sua carreira de atriz, indo aos EUA, em 1907, onde fez recitais de poesia, tocando saltério. Em 1912

22. Idem. p. 57-8.

23. Idem. p. 62.

24. Idem. p. 65.

ela seguiu para o Ceilão, convidada por Sri *Ponnambalam Ramanathan*, um companheiro teosofista que fundara um escola para meninas no Sri Lanka (Ceilão). Lá foi diretora, supervisionou professores, cuidou de crianças doentes e da administração geral. Em 1916, no *Colombo General Hospital* ela recebeu o diagnóstico de câncer. Foi operada, teve um seio extirpado e acabou falecendo no Sri Lanka, em 29 de abril de 1917, com 57 anos. Seu corpo foi cremado na casa de *Ramanatham*.

### 5. Conclusões preliminares

Estudando, preliminarmente, a trajetória pessoal e produção intelectual de Anna Bonus Kingsford e Florence Farr podemos, comparativamente, estabelecer alguns argumentos sobre a relação das religiões e a formulação dos papéis de gênero. Em primeiro lugar, fica claro que o conteúdo doutrinário influencia a construção dos papéis de gênero, seja reforçando estereótipos tradicionais ou reformulando a posição do feminino. Nos dois casos estudados, as autoras procuravam a verdadeira natureza da realidade que transcenderia aos gêneros. A harmonia com a ordem divina conduziria a Sabedoria que estava ao alcance de todos os Adeptos por meio do poder mental, estudo e disciplina, fossem homens ou mulheres. O poder espiritual originava-se na experiência direta que o estudo e a dedicação proporcionavam: estas eram as fontes da liderança carismática.

Contudo, os benefícios para as lideranças femininas nestas estruturas espiritualistas, ordens iniciáticas, associações ocultistas etc., acabam revelando-se complicadas, principalmente quando se tornam institucionalizadas e hierarquizadas. Geralmente, a institucionalização era acompanhada por legitimação da autoridade hierárquica, o que acabava por conduzir a um declínio da efetiva participação feminina. Estes novos movimentos parecem ter mais novas lideranças femininas do que antigas: as fundadoras acabavam

por abandonar os grupos. Embora assertivas teológicas possam subsidiar lideranças femininas e novos papéis de gênero para mulheres, não asseguram igualdade e equilíbrio nas estruturas políticas das instituições religiosas. Nem, necessariamente, levam ao desenvolvimento de estruturas femininas ou feministas.

Há um largo espectro de religiões alternativas ou marginais criadas e lideradas por mulheres, por religiões institucionalizadas com clero feminino ordenado e vários movimentos que, embora não tenham sido criados por mulheres, permitem lideranças religiosas femininas. É possível encontrar muitos exemplos de mulheres que se apropriaram e reinventaram novos territórios para colocar em suas mãos o desafio de criar religião em um vasto campo que escapasse das restrições tradicionais.

De astrologia, adivinhação, medicina homeopática, iniciações, adorações de deusas, reinterpretações femininas de teologias e cosmogonias masculinas, todo este campo intelectual conduz a uma liberdade teológica de análise de mitos e religiões de várias tradições culturais, sempre buscando símbolos e histórias que possam transformar vidas, não somente das mulheres, mas do mundo. Por isso, estão sempre em conexão com os movimentos sociais mais amplos, como os direitos das mulheres, dos animais, do vegetarianismo, pelo celibato ou alteração da concepção do casamento, da maternidade e da sexualidade. Estas devoções são partilhadas com experiências pessoais variadas, de atrizes ou sacerdotisas, em quadros pré-rafaelitas do mundo da medicina, nos palcos e escolas: criações culturais de suas épocas, anseios e desejos.